

A CASA ADÁGIO

Na então respeitável casa de beberetes do centro, lia-se sobre o balcão de cedro envelhecido, em estilo de iluminura medieval, a insígnia: *verba valent sicut nummi*.

O sucesso da pequena locanda de fachada simplória e salão um pouco sombrio devia-se, sem dúvida, ao particular modo de escambio adotado por seu proprietário. Mas sua fama, a um misterioso manuscrito assinado por um velho colecionador de palavras e poliglota.

Uísques, conhaques e cachaças; rum e amontillados; highballs, vinhos doces e ponche, sem hierarquia vernácula, premiavam a prosa e a lírica dos clientes; ou estas liquidavam as bebidas.

Das capitais e da província, amadores do mundo inteiro vinham carregados de esperanças perdidas, sem nenhum verso no bolso. Muitos até se endividavam com a viagem, cruzando o Atlântico, rodando o mundo; alguns só tinham mesmo de pegar um trem de outro distrito. Outros, atravessar a rua, virar a esquina, descer a escadaria do edifício até o térreo.

Não é possível vislumbrar o teor dos axiomas e prolóquios ali permutados, sabe-se apenas o que se lê a seguir, em vários idiomas. Isto é, que muitos poetas *maudits* barganharam seus melhores versos por uma dose de absinto barato e que um escritor alemão vendeu sua *opera omnia* por uma pensão alimentícia regada de bom vinho português por mais de dois anos. Conta-se também que alguns declararam ter se arrependido do bufê, e dando-se conta do hipotético embuste, disseram: melhor uma obra pífia do que uma boa bisteca. Um inconfessável burguês, lamentando o resto da sociedade não ser como a casa Adágio, formulou o verbete “literatura” para seu dicionário de ideias feitas. Legítimos *beatniks* compuseram ali suas páginas mais indolentes, e desterrados do Leste e da América Latina encontraram a distância para criticar golpes de Estado.

A casa vivia cheia. No inverno, como as vidraças ficavam embaçadas, alguns principiantes nervosos esboçavam ali mesmo os versos de suas primeiras fichas, apagando-os repetidas vezes com o bafo quente. Tinha vezes que a fila do balcão chegava até fora da porta porque alguém ainda não havia se decidido entre as rosas ou as camélias para uma canção. E outras em que o dono refutava tudo por teima e queria que lhe compusessem a partir do motivo que ele assoprava no ouvido, provocando, de quando em vez, calafrios nas mocinhas bonitas e inteligentes.

Ali começaram alguns namoros de filósofos de gola rulê e feministas com livros no prelo. Debateu-se sobre o futuro e o fim da poesia e sobre a verossimilhança de um estabelecimento como aquele em meio ao corrente regime pecuniário; sobre a pertinência da invenção de uma nova língua. Teorizava-se a respeito da origem mítica da Torre de Babel e do valor estético de seus desdobramentos pictóricos, de Bruegel a Doré. O discípulo de um célebre escritor realista encontrou matéria para seus contos ao ver um colar de pérolas baratas caído ao chão. Eruditos dizem ter descoberto no salão uma réplica do ponto de um conto que contém todos os pontos do universo. Como ficava ao lado das toaletes, às vezes atrapalhava o fluxo.

É curioso que na casa Adágio tenham sido esboçados alguns manifestos importantes bebendo-se doses que sugeriam metáforas de evaporações alcoólicas e cujo valor, depois de impressas, se revelaria largamente superior ao custo dos drinks.

Escritores um tanto enfasiados detinham-se à criação de lipogramas espinhosos. Outros atinham-se passionalmente às vogais, atribuindo-lhe cores. O palavreado geral e a declamação tímida de uns inseguros atrás das colunas do salão não raro instigaram leituras atentas de tratados sobre arte e filosofia, notações argutas, marginálias de grande valor literário.

Num canto, sozinho, um nostálgico menestrel ensaiava um conto sobre a origem de todos os contos.

As feições desmentiam-lhe os anos; era assombrosamente jovem.

Fumava-se muito, embora a casa não vendesse cigarros. A polvorosa interna era tamanha que criava um burburinho do lado de fora e os vendedores ambulantes menos miseráveis tentavam acoplar os dois métodos cambiais, palavras e dinheiro.

E havia ainda as ofertas caprichosas e engenhosas do dia: metaplasmos às segundas, tropos às terças, figuras de sintaxe às quartas, metalogismos às quintas. E para o final de semana, que na casa Adágio começava já no início da madrugada da quinta-feira, o dono não escrevia oferta alguma na lousa. Mas os *habitués* sabiam que ele queria ler litotes e hipérbolos, como um bom franco-brasileiro que ele dizia ser – porque tropeçava nos dois idiomas, não falava bem nenhuma língua.

Isso vai dar em cópia embriagada de Queneau, diziam uns diletantes.

Mas era vã elucubração: o proprietário não mostrava nunca a ninguém seus pastiches, se é que existiam. O fato é que ninguém sabia ao certo que diabos fazia com todas aqueles papezinhos verdes – as fichas de câmbio da casa –, papezinhos verde-musgo, que ele dobrava meticulosamente, prensando bem as bordas laterais e sempre do mesmo jeito (da direita para a esquerda e depois, mais lentamente, da esquerda para a direita, olhando fixamente para o autor e cliente por debaixo das monocelhas grossas) antes de anunciar o

pedido ao garçom. Aqueles papezinhos tinham espremida a verve literária de um escritor precocemente malogrado e de beleza frágil, o esputo virtuosíssimo de um aristocrata decadente, cantos e elegias de amores jamais declarados, missivas burlescas, atos dramáticos um pouco toscos, frases rendilhadas e piegas, dicções insossas e um tanto aguadas que o proprietário aceitava de mau-humor, ou não aceitava de todo. Era exigente.

Havia algo diabólico na omissão daquelas fichas verdes. Alguns pretendiam uma paródia invertida do pacto faustiano.

Então começaram a especular sobre o valor literário daquela *opera mundi*, daquela coletânea monumental remendada, tramada por várias línguas e estilos conservados sabe-se lá onde, possivelmente numa caixa-forte ou transcritas em algum suporte improvável. Alguns, talvez sobrestimando a literatura, conjecturavam até sobre o aluguel, em algum canto congelado e desconhecido do mundo, de um depósito ausente no mapa, para onde mandam os dados sensíveis. E não cessavam de se perguntar como é que aquilo tudo continuava em pé, porque a cozinha funcionava a todo vapor e na rua de trás os lixeiros passavam mais de duas vezes por semana, assim como o fornecedor do álcool.

O proprietário da casa havia adquirido um capital importante para tal investimento. Buscava um lucro atípico, muito incompreendido. Era legatário de uma tradicional família de comerciantes quando descobrira tarde, a despeito do ofício, que as palavras não faziam das coisas mercadoria: tornavam-nas antes dizíveis. Supunha-se que, talvez já há muito tempo, tentasse morder uma expressão para algo que tinha dentro e não sabia nomear. Essa era a hipótese dos adeptos de uma escola filosófica.

O fato é que aquela tertúlia começou a incomodar as autoridades. Fiscais foram enviados. As despesas da casa, declaradas para consumo próprio, revistas sem que se pudesse objetar alguma infração da lei. Alguns estabelecimentos vizinhos fecharam por falta de clientes. Outros, maldizendo o patrimônio da casa Adágio, tentavam obter informações confidenciais, riscavam os dias na parede calculando a data para a iminente falência. Mas ela não vinha.

Recorreram novamente às autoridades, tiveram de atacar as ideias. A acusação: conluio contra as forças da ordem. Teriam falado em abolição do trabalho, em uma autarquia de literatos. A clientela logo soube da denúncia, mas não protestou. Até que numa tarde nublosa dos primeiros dias de abril as portas da casa Adágio foram lacradas com madeira sólida. Dois fios ralos de água começaram a cair do primeiro andar do edifício. Como ricocheteavam, os pingos formaram no mesmo dia um borrão sobre a tinta verde-musgo da porta da entrada e logo o local parecia abandonado por séculos.

Não se soube mais notícias sobre o estabelecimento. Há algumas décadas a casa Adágio não existe. Dizem que faliu, embora isto não conste nos registros oficiais; ou que mudou de endereço. Os invejosos afirmam que nunca existiu e a imprensa não gastou uma linha sobre ela.

Resta apenas uma *Exemplaria* para estender sua memória.

Natasha Belfort Palmeira (1991) é tradutora e doutoranda em Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo e na Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3. É autora do pequeno livro de ensaios *Teatro como lente de aumento* (Annablume, 2014) e da tradução do livro de Franco Moretti, *O romance de formação* (Todavia, 2020). O conto “A casa adágio” recebeu o prêmio Off Flip de Literatura 2020. Contato: natashabp@usp.br

Wynne